



Ideias Acesas: Charutos e Revolução em Cuba

Luiz Eduardo Simões de Souza
Graduado em Economia e História pela USP
Doutor e Mestre em História Econômica pela USP
Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas

Mesmo em tempos globalizados de histeria antitabagista, os quais tanto agradariam ao *führer*, que não tolerava fumaça nem socialismo, Cuba ainda atrai a curiosidade por manter-se à margem de toda essa nossa saúde regada a repressão, extenuação audiovisual, ritalina, prozac, viagra e muito, muito flúor.

Antes que você resolva ser um bom menino, ou uma boa menina, e, obedecendo à sua lavagem cerebral, faça uma “leitura crítica” deste texto, já adianto que a “Revolução” - com R maiúsculo - deflagrada em 1959, é apenas o pano de fundo ou um assunto secundário neste artigo. Mais do que os efeitos do “Basta” dado pelos cubanos ao belo plano ianque de ter Cuba como sua “*private whorehouse*”, e mais do que o salutar cordão sanitário que os EUA impuseram às relações comerciais do resto da América Latina (e do “mundo livre”) - salutar, porque salvou os cubanos de aprender conosco como se esculhamba com seu sistema de saúde, por exemplo - no início dos anos 1960, o assunto deste texto é uma das pérolas que o gênero humano, devidamente espicaçado, é, por vezes, capaz de produzir. Trata-se da manufatura dos *Habanos*, os charutos cubanos, conhecidos por várias razões como os melhores do planeta.

Beneficiada pelas condições climáticas, pluviais, geológicas e botânicas, a indústria *tabacalera* tem mantido, a despeito de seus detratores capitalistas vendedores de lixo sob o nome de tabaco, um padrão de qualidade e condições produtivas que a tornam única e insuperável há mais de dois séculos. E o que pode parecer estranho às mentes mais alvejadas é que a excelência dessa indústria, que chegou a sofrer sabotagem, pirataria e mesmo o roubo puro e simples de seus recursos e até de seu bom nome, foi não apenas mantida pela implementação do socialismo na ilha, em 1959, mas preservada e aperfeiçoada, mantendo suas características singulares, que poderiam ser classificadas até como pré-capitalistas, se as relações de trabalho não tivessem sido aperfeiçoadas para um sistema que produz não apenas uma vida melhor para seus trabalhadores, mas também um produto melhor. No caso, o melhor produto no planeta em seu nicho.

O sistema concorrencial implantado pelo regime socialista permitiu que se criasse um sistema de concorrência perfeita entre as empresas (sim, empresas concorrentes no socialismo!). Como se não fosse suficiente fornecer um exemplo de concorrência perfeita que deixaria muitos economistas liberais surpresos – para não dizer constrangidos – com a maior congruência de suas regras do que praticamente todos os tipos de mercados sob o capitalismo, o socialismo cubano ainda deu ao mundo o apreciadíssimo charuto Cohiba, uma mistura e torcedura local que tornou-se o cartão de visitas do governo cubano pelo mundo.

Enquanto outros países enchem seus vizinhos e parceiros comerciais com lixo industrial e cultural, quando não com armamentos, o governo cubano perfuma o mundo com o melhor charuto já produzido. É disso que vamos falar nas próximas linhas. Propomos aos leitores um texto a ser desenvolvido em várias edições da Revista Mouro, de modo a trazer o mesmo prazer das lentas e concentradas baforadas de um legítimo Habano.

Cuba e o Tabaco: Geografia

As ilhas que compõem o arquipélago cubano perfazem uma superfície de 109.884 km², com extensão territorial de 1.250 km. O arquipélago é banhado a norte pelo estreito da Flórida, a noroeste pelo golfo do México, a oeste pelo canal de Iucatã, a sul pelo mar das Caraíbas e a leste pela passagem de Barlavento.

A ilha de Cuba, uma das maiores do arquipélago, juntamente com a ilha da Juventude, está formada principalmente por planícies onduladas, com colinas e montanhas mais escarpadas situadas predominantemente a sudeste. O terreno é baixo, com altura máxima de 1.710 metros. O clima é tropical, com uma estação ligeiramente seca de novembro a abril e uma estação chuvosa de maio a outubro, com dias ensolarados por quase todo o ano. A umidade relativa do ar é de 81% e 35 graus Celsius, em médias anuais. A área costeira é coralina, ao norte, e composta de pequenas falésias ao sul e ao leste. No restante do arquipélago há primazia de costas baixas, pantanosas e ligeiramente escarpadas. A flora de Cuba possui uma variedade de mais de 8.000 espécies (com 50% de espécies endêmicas), das quais aproximadamente 6.000 são árvores madeireiras de grande porte.



Figura 1: Cuba, Regiões de plantio de tabaco

Fonte: Habanos s. a.

O fumo é plantado em Cuba nas regiões de *Vuelta Arriba* e *Vuelta Abajo*, com uma significativa vantagem qualitativa para a segunda. *Vuelta Arriba* se divide em *Semi Vuelta*, *Partidos*, *Remedios* e *Oriente* (Figura 1). O solo dessas regiões é rico em zinco, o que confere o tom esbranquiçado característico das cinzas dos charutos cubanos. As condições dessas duas microplanícies, irrigadas por riachos e protegidas da insolação excessiva pelas pequenas serras que as limitam nos extremos, permite que as folhas de tabaco permaneçam em excelente nível de hidratação e desenvolvam uma elasticidade bastante conveniente à montagem da capa dos charutos, facilitando o trabalho de torcedura, o que explica a total dispensa de máquinas na elaboração dos *puros* cubanos, os quais são totalmente *hechos a mano*. Apenas os charutos produzidos na região de *Vuelta Abajo*, também chamada de *Piñar del Sol*, recebem o nome de *habanos*.

A ausência de variações climáticas acentuadas e a iluminação intensiva permitem o desenvolvimento pleno dos tabacos *criollo* e *corojo*, que forma folhas homogêneas e ricas nos minerais e resinas que conferem sabor e odor característicos. Portanto, se uma primeira razão é necessária à explicação da excelência dos charutos cubanos, esta é geográfica. Mas há outras razões que colocam Cuba na frente do restante do Caribe e do Golfo do México, na manufatura tabacaleira. E essas razões não são geográficas. A conferir...



Saúde dos Bancários

Organização
Laerte Idal Sznelwar

Coordenação
Juvandia Moreira Leite
Walcir Previtalo Bruno

Nos últimos 30 anos a saúde dos trabalhadores tem sido uma preocupação de muitos atores sociais, como sindicalistas, profissionais da saúde e dos poderes públicos, pesquisadores de questões ligadas ao trabalho e gestores.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo, em parceria com a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, encarou o desafio de trazer para o espaço público o debate sobre esse tema.

O resultado está na publicação *Saúde dos Bancários* (Editoras Publisher Brasil e Atitude, 2011), organizada por Laerte Idal Sznelwar, médico doutor em ergonomia pela USP, e coordenada pela presidenta do Sindicato, Juvandia Moreira, e pelo secretário de Saúde da entidade, Walcir Previtalo.

O objetivo da publicação é provocar o debate sobre os problemas vivenciados pela categoria bancária e apresentar e fomentar o campo científico sobre tal situação.

O livro está à venda no site da Publisher Brasil.
<http://www.publisherbrasil.com.br/livros/>